Programa Universidade Aberta à Terceira Idade da Universidade de São Paulo: aspectos comunicacionais

Tatiana Douchkin
Bibliotecária e especialista em Gestão da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.
E-mail: douchkintatiana@gmail.com

Qual seria a sua idade
se você não soubesse quantos anos você tem?
Confúcio (551 a.C.-479 a.C.)

Resumo: Análise do "Programa Universidade Aberta à Terceira Idade da Universidade de São Paulo", através das atividades realizadas sob a responsabilidade da Escola de Comunicações e Artes da USP como colaboradora do Programa. Sob a perspectiva da Gestão da Comunicação é verificado o intercâmbio de informações entre as gerações da graduação e da terceira idade, a partir da premissa fundamental do programa: "Possibilitar ao idoso aprofundar conhecimentos em alguma área de seu interesse e ao mesmo tempo trocar informações com os jovens".

Palavras-chave: comunicação intergeracional; envelhecimento; coral da terceira idade; Programa Universidade Aberta; terceira idade.

Abstract: It is an analysis of the program "Open University of the Third Age at University of São Paulo", through the activities conducted under the responsibility of the School of Communication and Arts (ECA) – University of São Paulo – collaborator in the program. From the perspective of Communication Management Studies, we investigate the exchange of information between generations of undergraduate and seniors, from the fundamental premise of the program: "To enable the elderly people to deepen knowledge in some area of interest while exchanging information with young people".

Keywords: intergenerational communication; aging; third age choir; Open University Program; third age.

TERCEIRA IDADE E COMUNICAÇÃO INTERGERACIONAL

Considerando a importância e a complexidade dos aspectos comunicativos no relacionamento social e institucional, este artigo tem como objeto de estudo o Programa Universidade Aberta à Terceira Idade da Universidade de São Paulo, notoriamente as atividades desenvolvidas sob a responsabilidade da Escola de Comunicações e Artes da USP como expressiva colaboradora do Programa.

Recebido: 28/02/2013
Aprovado: 22/04/2013

Objetivando examinar a comunicação como mediadora no processo de integração de idosos no contexto universitário, partimos da lógica dedutiva do macro para o micro como observador participante, analisando qualitativamente o cotidiano acadêmico na ECA-USP durante os anos de 2010 e 2011. Ao confrontar a atitude da minoria idosa ante a maioria jovem, configuramos um triângulo escaleno imaginário cujos vértices, docente, graduação e terceira idade, embora em ângulos desiguais, por semelhança interagem uns com os outros.

Segundo critério da Organização Mundial da Saúde, são consideradas idosas as pessoas maiores de 65 anos de idade nos países desenvolvidos e a partir dos 60 nos países em desenvolvimento. Decretada oficialmente a velhice, o que o cidadão idoso poderá fazer nessa nova etapa da existência? Envolver-se na Terceira Idade?

Criada pelo médico francês Doutor J. A. Huet, desponta a expressão terceira idade na década de 1960: *esse é um termo histórico!*[1] Referindo-se às pessoas com mais de 60 anos, representa o período no qual a aposentadoria facilita a vida com independência e prazer.

Ainda dentro do pioneirismo da França, em 1973 o psicopedagogo Pierre Vellas institui na Universidade de Toulouse a Universidade da Terceira Idade. Projeto bem-sucedido, teve como finalidade proporcionar a alunos idosos, por meio de práticas junto aos jovens universitários, a possibilidade de extensão dos relacionamentos sociais.

A primeira universidade aberta à terceira idade, de iniciativa governamental no Estado de São Paulo, tem origem no início da década de 1990 na Universidade de São Paulo, conforme iniciativa da Professora Doutora Ecléa Bosi, durante a gestão do Professor Doutor João Alexandre Costa Barbosa, então Pró-Reitor de Cultura e Extensão.

Apresentando a velhice como destino e categoria social, a Dra. Ecléa Bosi descreve de que maneira fundou, estabeleceu e dirige seu trabalho na USP.

> Universidade Aberta à Terceira Idade. A sua história começa em 1991, com uma carta à Pró-Reitoria de Cultura e Extensão pedindo a abertura dos cursos da universidade para pessoas idosas. Essa carta andou tramitando muito tempo e finalmente em 1992, no Conselho de Cultura, essa proposta foi aprovada e acolhida. Mas o que fazer para pôr em prática um projeto que iria envolver todos os *campi*, da Cidade Universitária e do interior? Então nós adotamos uma estratégia, que foi a seguinte: escrevi carta para 100 professores perguntando se eles aceitariam alunos idosos em seus cursos. Muitos responderam. Perguntei também quantas vagas poderiam oferecer. Estava assim criado sem alarde um projeto que tanto humanizou a fisionomia da USP. A estrutura desta universidade aberta é simples, não tem custo nenhum, e flexível, tem assim uma grande leveza em relação à burocracia, porque se ela não a tivesse estaria tramitando até hoje[2].

O projeto da Dra. Ecléa Bosi recebe sua primeira turma em 1994. Ao ingressante, normas simples: idade mínima de 60 anos, o não recebimento do número USP, ciência de que as unidades da USP são soberanas na gestão do programa, administrando-o conforme suas necessidades internas. Objetivo: *possibilitar ao idoso aprofundar conhecimentos em alguma área de seu interesse e ao*

1. REBOUL, Hélène. **Competence et productivité au troisième age** (Competência e produtividade na terceira idade.) Disponível em: <http://www.uni- ulm.de/LiLL/5.0/F/5.3/compprod.html reg>. Acesso em: 21 set. 2011.

2. BOSI, Ecléa. **Depoimento**. Gravação realizada em 09 de agosto de 2011, no sexto encontro do ciclo "Idosos no Brasil: Estado da Arte e Desafios", iniciativa do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, do Grupo Mais do Hospital Premier e de Oboré Projetos Especiais de Comunicação e Artes.

Capa do programa da UATI 2013.

mesmo tempo trocar informações e experiências com os jovens[3], critério que ressalta a importância da comunicação e do compartilhamento de conhecimentos intergeracionais.

Se respirar é viver, comunicar-se é sobreviver. Direito fundamental da humanidade, a Comunicação é o liame responsável pela interação entre gerações, seus hábitos e ideologias.

Na convivência universitária o exercício do diálogo por meio das mais diversas formas de comunicação é indispensável. Em geral os mais novos incitam a atualização dos mais velhos, enquanto estes procuram nas experiências vividas a possibilidade de adequação ao tempo presente. Consequentemente, a conquista social do envelhecimento, dentro da sociedade orientada para os jovens soberanos dos ambientes digitais, tem exigido da terceira idade múltiplas ações conjuntas, nas quais o ânimo dos longevos aliado ao vigor da juventude tem sido fundamental. Ainda assim, conforme Pierre Bourdieu, *somos sempre o jovem ou o velho de alguém*[4].

Vivemos a época da valorização da imagem, numa sociedade onde os conceitos de presença e distância frequentemente são alterados, momento em que a tecnologia mais avançada é cada vez mais evanescente do que a capacidade real e virtual em conhecê-la e utilizá-la na totalidade de seus recursos. Entretanto, *a técnica propõe, mas o homem dispõe.*[5]

3. Universidade de São Paulo. Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária. **Programa Universidade Aberta à Terceira Idade**. 1º sem. 2011.

4. BOURDIEU, Pierre. A "juventude" é apenas uma palavra. In: **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 113.

5. LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** Trad. Paulo Neves. São Paulo: Ed. 34, 1996. p. 43.

Pertencente à geração pré-digital, a terceira idade de hoje experimentou em sua juventude práticas sociais consideradas mais humanas porque menos mediadas pelas novas tecnologias. Costumeiramente demonstrando perplexidade diante das mídias atuais, os idosos destemidos pesquisam na internet, têm endereço eletrônico, integram redes sociais; os receosos têm dificuldades na prática, temem danificar equipamentos desconhecidos, consideram complicado *mexer* no computador.

Por outro lado, os alunos da graduação, sempre mais habilidosos nos atalhos eletrônicos e digitais do que a maioria dos adultos com mais idade, estabelecem a geração interativa e consolidam a vanguarda da cultura digital contemporânea, em que a virtualidade impulsiona a comunicação.

Pesquisa de campo – ECA-USP – Campus da capital

Primeiro de agosto de 2011, segunda-feira, madrugada de inverno, 05h40. Um senhor e uma senhora aguardam a abertura do prédio. Objetivo: pegar uma senha, a partir das 8h, que lhes dará direito à inscrição em alguma atividade no Programa Universidade Aberta à Terceira Idade. Sentados, cada qual em um banco de pedra defronte ao edifício, cochilam. Um pouco antes das 6h, as portas são abertas pelo pessoal da limpeza; aproveitando o momento, os dois entram e rapidamente sobem pela escada ao primeiro andar, à procura das senhas que encontram penduradas em um quadro de avisos; retiram os números 1 e 2, pegam a publicação indicativa das atividades do semestre e ingressam no auditório. Sentam-se e começam a esmiuçar, na bem elaborada edição do Programa, possíveis disciplinas de interesse.

• Alto e magro, de suéter vermelho e calça de brim azul, o primeiro a chegar diz pretender *nascer, na próxima encarnação, pintor e desenhista.* Busca uma disciplina que lhe ensine no presente todas as técnicas da arte de pintar. Tem filhos; uma filha é formada pela ESALQ-USP. Tem cinco netos "aos quais deve sua atual liberdade de ser". Aflito, folheia o catálogo. Escolhe Prática de Pintura I. Comenta: "Acho que o professor vai ensinar a técnica; será que a universidade fornece certificado de aproveitamento do curso?".

Questionado sobre o valor ou desvalor da troca de informações com os jovens, responde:

> Os jovens de hoje são muito apressados e até agressivos, acho que a maioria é muito boboca. Fica trancada no quarto olhando o painel do computador ou no celular; falam, riem; que tanto têm para conversar? Comigo é assim: pão, pão, queijo, queijo. Para que tanto trololó? Mas falando sério, as crianças são boas. O meu neto quer que eu aprenda a jogar para brincar com ele no computador. Acho bonitos aqueles bonequinhos correndo, mas não consigo aprender. Não gosto do barulho e também não tenho paciência. Hoje as crianças já nascem adultas. Sabe, quando eu era criança, tinha uma história em quadrinhos com um personagem, Dom Fulgêncio, "O homem que não teve infância". Era muito engraçada! Um adulto meio gordo que gostava de brincar como se fosse um menino. Eu lia

no jornal argentino *La Prensa*. Sempre me lembro dele porque hoje as crianças também não têm infância. Já nascem eletrônicas (Senhor aparentando mais de 80 anos de idade).

• Tendo dedicado a vida ao magistério, marido e filhos, formada na "Filosofia da USP da Maria Antonia", a portadora da senha n. 2 informa haver iniciado os preparativos para sua jornada ao *campus* às 4 horas da manhã. Viúva, tem um filho que mora com ela. Residem em Pinheiros, "a 40 minutos de ônibus da Universidade". Tendo frequentado em semestres anteriores a "Filó do *campus* e o IEB", houve por bem naquela manhã, antes que fosse muito tarde, "andar logo para a USP". Chega à ECA interessada em Cinema. "Quero ganhar uma vaga aqui. Por isso hoje acordei bem cedinho." Seleciona Produção Audiovisual em Publicidade I.

À pergunta sobre troca de informações com os jovens, diz:

Trabalhei como professora, sempre com a juventude, e não sinto atualmente essa necessidade. Na realidade quero aprender a lidar com máquinas fotográficas e filmadoras digitais. Pretendo fazer alguns trabalhos nessa área. Espero conseguir uma vaga. (Senhora aparentando 65 anos; idade real declarada: 78).

• Aula conjunta: graduação e terceira idade.

Presentes: docente, cinco inscritos no Programa Universidade Aberta, seis alunos da graduação. Aos poucos cresce o movimento de jovens retardatários chegando aos grupos e entrando com suas mochilas, evidentemente preocupados em assinar a lista de presença. No fundo da sala, dois rapazes mantêm diálogo à parte, cochichando e assistindo a um vídeo em um *tablet*. Os discentes questionam a propósito das dificuldades individuais de acesso à página pessoal na incubadora virtual de projetos; um idoso arrisca uma pergunta a propósito do assunto. A resposta do professor, com demonstração de que ele se importa igualitariamente com todos os seus alunos como indivíduos, é clara e objetiva. Encerrada a aula, um idoso ao sair da sala aproxima-se do colega da graduação e pergunta:

– Olá, meu jovem. Eu quero uma explicação. Por gentileza, você poderia me explicar o que é sala de bater-papo na Internet?
– É *Chat*. Tipo, é só você teclar, sabe? Manja, é isso aí tc (tc significa teclar).
– Sabe, sou maior de 70 anos, não sou brotinho. Agora mesmo, sua colega me disse isso. Mas não compreendi patavina. Que idioma é esse? Para mim, bate-papo sempre foi jogar conversa fora, lenga-lenga de quem não tem o que fazer! T.C.?
– Fica frio, tiozinho. Na semana que vem o senhor se liga. A gente se vê. Tchau.
– Até logo. Menino batuta!

• Questões apresentadas aos jovens: o que você espera do futuro? Você já se imaginou idoso/a?

– Penso estar formado, trabalhando no que gosto e ganhando bem. Nunca me imaginei idoso.
– Acredito estar famoso, bem situado na profissão e muito feliz. Já me vi mais velho, formado e trabalhando. Idoso não.

– Imagino o futuro muito melhor do que o presente. Quando eu era menina achava uma pessoa de vinte anos velha. Hoje tenho vinte um e me acho uma criancinha. Então não dá para me imaginar idosa.

PROJETO DE INTERVENÇÃO

Em 2013, completando duas décadas de ininterrupto funcionamento, o Programa Universidade Aberta à Terceira Idade da USP tem a comemorar sua importante contribuição social, sua eficiência e eficácia. Em assim sendo, a rigor apenas algumas ações administrativas pontuais justificam a mediação.

A oferta de *possibilitar ao idoso aprofundar conhecimentos em alguma área de interesse* tem sido satisfatoriamente atendida. O participante do Programa escolhe a disciplina que deseja cursar, passando a frequentá-la ao lado dos alunos da graduação, circunstância que acrescenta ação afirmativa de inclusão no meio universitário.

As atividades didáticas poderiam ser estendidas com a possibilidade de incluir nos planejamentos pedagógicos a terceira idade como fonte em projetos de pesquisa, desse modo incentivando a participação dos mesmos em trabalhos conjuntos sob a responsabilidade dos alunos da graduação. Igualmente de interesse, as apresentações conjuntas de seminários, tais como: Educomunicação e terceira idade; identificação dos hábitos de leitura do brasileiro do século XX; artistas plásticos da terceira idade etc. Sem deixar de lado a produção de documentário sobre graduação e terceira idade inscrita na USP, dentre outras possibilidades didáticas.

Quanto a *trocar informações com jovens*, nas interlocuções ocorridas antes do início das aulas comuns, normalmente 05 idosos em turmas com 30, 40 ou mais jovens, os maiores de 60 anos coesos em seu grupo minoritário dialogam entre si, raramente arriscando uma conversa informal com os colegas moços. Do mesmo modo que temem "mexer" com o computador, não "mexem" com os mais novos.

Acrescente-se aqui a entrada da chamada nova terceira idade, formada por idosos bem mais distantes do antigo clichê da velhice do que seus pioneiros antecessores e que surge induzindo os companheiros à atualização.

A habilidade dos jovens quanto ao uso das inovações tecnológicas aliada à constante introdução de inusitados termos do dialeto juvenil, diante do desinteresse da terceira idade, provoca desinteresse no processo de interação social. O grupo da maioria jovem vai se integrando à medida da chegada dos colegas da mesma faixa etária, afastando as eventualidades de diálogos intergeracionais. Desse modo, não motivada sobre o valor da troca comunicativa com idosos, a maioria acadêmica mantém-se abstraída quanto à presença dos companheiros mais velhos.

Em geral os docentes procuram, no decorrer das aulas, despertar a atenção de seus discípulos sobre os colegas maiores de 60 anos, incentivando a interação social. E *a experiência tem revelado que os jovens saem enriquecidos, afetiva*

e intelectualmente, desse convívio com pessoas maduras e motivadas tão só pela paixão do saber[6].

Uma citação especial cabe ao Departamento de Música, responsável pela criação do Coral da Terceira Idade da ECA. De acordo com os *Idosos Cantores*, o relacionamento com o canto coral regula o relógio biológico por meio dos andamentos musicais, amplia a capacidade de concentração e ativa a memória. O coralista sente-se motivado e produtivo, seja junto aos seus pares da própria terceira idade, seja ao lado dos jovens da graduação. O sentimento de ausência de pertencimento desaparece e a valorização da criatividade individual dentro da possibilidade participativa facilita a troca de informações.

Contudo, latente no segmento da terceira idade, o sentido de inclusão-exclusão é amplamente vivenciado pelo grupo, formado por idosos alunos inscritos que não são realmente alunos, orientados por professores de fato, de direito e de boa vontade que, embora detentores de provas cabais do próprio exercício profissional, ainda não têm enquadramento oficial relativo a essa atividade na Universidade.

> A Universidade Aberta à Terceira Idade. Praticamente todas as unidades (de todos os *campi* da USP) participam, com disciplinas regulares e atividades extras, destinadas a um público (e/ou faixa etária) ainda, infelizmente, muito esquecido e, portanto, excluído no Brasil. Não existe um procedimento de cadastramento centralizado para que a USP as considere como ações de inclusão, e mesmo que o sejam, acabam nem sendo cadastradas como tal. Essas atividades dificilmente vão para relatórios de departamentos das unidades. Aliás, currículos como o *Lattes* nem apresentam campo adequado para atividades de extensão, cuja generalização já estabelece uma menor importância no peso da avaliação que se faz do tempo despendido pelo docente/pesquisador[7].

A USP não exclui o idoso. Pelo contrário, procura integrá-lo. Porém, algumas atualizações serão muito oportunas, a começar pela identificação institucional, talvez com o número "TIUSP" – Terceira Idade da USP, credencial indicativa do cadastramento inclusivo oficial do maior de 60 anos de idade em todos os *campi* da Universidade de São Paulo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, Pierre. A "juventude" é apenas uma palavra. In: **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** Trad. Paulo Neves. São Paulo: Ed. 34, 1996.

LUQUE, Carlos Antonio; CARRER, Celso da Costa; TONETO JUNIOR, Rudinei. A Universidade de São Paulo e a sociedade. In: VILELA, Suely (Org.). **USP 2034: Planejando o futuro**. São Paulo: EDUSP, 2009.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária. **Programa Universidade Aberta à Terceira Idade**. 10. sem. 2011.

6. Universidade de São Paulo. **Núcleo dos Direitos**. Disponível em: <http://www.prceu.usp.br/programas/catalogo_nucleo_direitos.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2013.

7. LUQUE, Carlos Antonio; CARRER, Celso da Costa; TONETO JUNIOR, Rudinei. A Universidade de São Paulo e a sociedade. In: VILELA, Suely (Org.). **USP 2034: Planejando o futuro**. São Paulo: EDUSP, 2009. p. 145-6.

Endereços eletrônicos

REBOUL, Hélène. **Competence et productivité au troisième age** (Competência e produtividade na terceira idade). Disponível em: <http://www.uni- ulm.de/LiLL/5.0/F/5.3/compprod.html reg>.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. **Núcleo dos Direitos**. 2013. Disponível em: http://www.prceu.usp.br/programas/catalogo_nucleo_direitos.pdf>.

Depoimento

BOSI, Ecléa. Depoimento. Gravação realizada em 09 de agosto de 2011, 60. Encontro. **Idosos no Brasil: Estado da Arte e Desafios**. Iniciativa do Instituto de Estudos Avançados da USP, do Grupo Mais do Hospital Premier e de Oboré Projetos Especiais de Comunicação e Artes.